

# Limani

1  
LINGUÍSTICA E LITERATURA

REVISTA SEMESTRAL DO DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
FACULDADE DE LETRAS — UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

ANO 1 MAPUTO NOVEMBRO, 1986

FICHA TÉCNICA

Título: Limani - Linguística e Literatura

Comissão de Coordenação: Bento Siteo, Fátima Mendonça,  
Gilberto Matusse e Gregório Firmino

Editor: Departamento de Letras Modernas e Núcleo Editorial  
da U.E.M.

Dactilografia: Bento Siteo

Policopiado na Divisão Gráfica da U.E.M.

Novembro de 1986

O PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE  
ANÁLISE DE ERROS EM CONSTRUÇÕES  
DE SUBORDINAÇÃO\*

- Perpétua Gonçalves -

Ficou recentemente concluído este trabalho de investigação na área da análise de erros, que vinha decorrendo desde 1983. Este projecto, realizado pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e pelo Instituto Nacional para o Desenvolvimento da Educação (INDE), debruça-se sobre um corpus - recolhido em 1981 - de 127 redacções, realizadas por alunos da 4ª classe de escolas do Niassa, tendo como língua materna (L1) o Nyanja.

Este trabalho sucede a um outro, concluído em 1982 (aguardando a sua publicação desde essa data), "Elementos para uma análise de erros". Nesse trabalho se procedia a um levantamento integral dos erros dos alunos da 4ª classe de uma escola de Maputo. Aí, constatava-se que uma das áreas mais afectadas do Português-padrão europeu, em Moçambique, era a das construções de subordinação. Foi assim que surgiu o tema deste projecto, que se pretendia constituir um passo em frente relativamente ao anterior, isto é, iniciasse um processo de análise de erros propriamente dita.

Inicialmente, a perspectiva de análise era exclusivamente contrastiva. Pretendia-se, relativamente a todas as estruturas de subordinação mal formadas, proceder a um confronto com a estrutura equivalente em Nyanja, a fim de verificar se se tratava de um fenómeno de interferência da L1. A escolha deste método de análise não queria dizer que se considerasse este método o melhor ou mais válido para a situação moçambicana, mas que se considerava importante, no âmbito das pesquisas linguísticas já realizadas em Moçambique, conhecer a influência do sistema das línguas bantu (tomando-se o Nyanja como exemplo) na utilização da L2, o Português.

Por falta de recursos humanos, não foi possível utilizar este método em toda a análise, pelo que houve uma pré-selecção dos erros a fim de aplicar o método contrastivo pelo menos aos casos em que a interferência da língua materna parecia incontestável. Os restantes erros foram descritos e analisados a partir do confronto com a estrutura equivalente em Português-padrão europeu.

Tomou-se como base para a sistematização dos erros o tipo de frase em que ocorriam (v.g. relativa, final, etc.) e não o tipo de erro (v.g. modo verbal, introdutor, etc.). Só foram analisadas as frases em que o número de erros era igual ou superior a dez. Assim, só as frases completiva, relativa, temporal, final e condicional é que foram estudadas. Em cada uma delas, todos os erros são sistematizados e caracterizados genericamente. Contudo, por falta de recursos humanos e de disponibilidade de tempo só se fez análise de erros do caso mais frequente em cada tipo de frase. Essa análise foi organizada da seguinte forma:

1. Caracterização da estrutura segundo a norma da língua-alvo, o Português europeu;

(\*) - Resumo e transcrição das conclusões gerais do trabalho de investigação realizado por Perpétua GONÇALVES, Nilson CARLOS e Armindo NGUNGA, com o mesmo título - 1986.

2. Nos casos em que se utilizou o método contrastivo, caracterização da estrutura na L<sub>1</sub> dos alunos, o Nyanja;
3. Caracterização da estrutura mal formada, estabelecendo-se as regras que os alunos aplicam, diferentes das da língua-alvo;
4. Interpretação do erro, formulando-se hipóteses que poderão estar na origem do erro (tipo de interferência, sobregeneralização, hipercorreção, etc.);
5. Ponto da situação relativamente à aquisição, por parte dos alunos, da estrutura em questão.

No último capítulo deste trabalho, apresentam-se conclusões gerais sobre as construções de subordinação realizadas bem como algumas reflexões sobre as causas e as consequências dos erros analisados. É este capítulo<sup>(1)</sup> que a seguir se transcreve, tendo apenas sido enriquecido com alguns exemplos de frases dos alunos nos casos em que a compreensão deste texto, destacado do conjunto, parecia ficar comprometida:

"Após o levantamento e estudo das estruturas de subordinação realizadas incorrectamente, tratar-se-á, neste capítulo, de relacionar entre si os dados obtidos, com vista a uma visão de conjunto. Far-se-á assim uma avaliação global do material analisado, no que diz respeito aos mecanismos sintactico-semânticos envolvidos na coesão interfrásica, ao nível da subordinação.

É necessário, porém, salientar que, dado o fraco domínio de língua dos alunos, não é na realização das estruturas de subordinação que se verificam os problemas mais graves de expressão em Português. Tratando-se de um nível mais complexo de organização dos enunciados, este tipo de coesão interfrásica nem sempre ocorre nas redacções e, quando aparece, está limitado a um número muito restrito de construções.

De facto, verifica-se que as principais dificuldades dos alunos começam ao nível da aplicação dos processos que asseguram a coesão frásica. Embora não tenha sido esse o objectivo desta investigação, foi possível detectar, ao longo do trabalho realizado, que estes alunos, na sua maioria, desconhecem as principais regras que regem a ligação entre os constituintes. Verifica-se, assim, que muitos alunos não conhecem a ordem básica das palavras na frase, não dominam as regras de acordo quer no interior de um sintagma nominal, quer entre sujeito e predicado. Daqui resultam textos, por vezes indecifráveis<sup>(2)</sup>, em que a articulação entre as

---

2. Note-se que a correcção de cada redacção levou uma média de cinco horas e a maior parte do tempo foi dispendida não na identificação das estruturas de subordinação, mas na reconstrução do sentido do texto do aluno.

1. Integralmente redigido por Perpétua Gonçalves

palavras não parece regida por qualquer princípio de organização.

Numa tal situação, a análise de erros fica profundamente afectada no que diz respeito aos resultados que pode fornecer. A própria existência de uma "Interlíngua", encarada como sistema (provisório) fica interrogada. Nalguns casos, parece não poder falar-se ainda da existência de um sistema lingüístico mesmo que regido por regras próprias de funcionamento.

Por outro lado, as correcções dos professores pouco interferem no texto dos alunos, limitando-se, em grande parte dos casos, aos erros de ortografia. Podem admitir-se várias hipóteses para explicar esta atitude: o professor considera fundamental a ortografia; o professor não sabe como corrigir erros que afectam sequências mais ou menos longas de texto; o professor não detecta esses erros. De todas estas hipóteses sobressai um aspecto comum: não parece haver, para o aluno, uma proposta estruturada do modelo da língua-alvo, que lhe permita o seu conhecimento e utilização como sistema coeso.

Estes são alguns dos aspectos mais importantes que, embora situados à margem desta investigação, foram surgindo no decorrer da sua realização e que mereceriam certamente um estudo aprofundado.

## 1. ANÁLISE DOS DADOS ESTATÍSTICOS

### 1.1. Distribuição dos erros por aluno

Duma maneira geral, confrontando o número de frases incorrectas com o número de alunos que as realizou, não se verifica em caso nenhum uma concentração de erros num número reduzido de alunos. A média de frases incorrectas por aluno oscila entre 1 e 2,5 o que permite considerar que os erros encontrados podem ser encarados como uma amostragem representativa do conjunto dos alunos.

### 1.2. Percentagem de frases incorrectas

Varia entre 25% (frases final, temporal e causal) e 50% (frases completiva e condicional) a percentagem de frases incorrectas. Desligada do conjunto de outros dados que aqui serão apresentados, esta percentagem parece indicar um certo domínio das estruturas de subordinação. O que acontece, na realidade, é que este índice se refere aos erros cometidos pelos alunos nas fra-

ses que realizam e estas representam uma parte muito limitada das estruturas de subordinação possíveis em Português. Assim, a leitura das percentagens acima indicadas não pode ser tomada em absoluto, pois apenas revela que, no restrito campo de frases subordinadas realizadas pelos alunos, o índice de erro não é muito elevado.

### 1.3. Total de frases em cada tipo de subordinação

Não sendo objectivo deste trabalho o estudo da lógica dos enunciados, parece importante destacar aqui alguns dados fornecidos por este corpus. Assim:

- verifica-se que o tipo de frase mais frequente (191) são as relativas (com antecedente), realizadas por 75% dos alunos. Este número parece normal, tendo em conta a necessidade, em praticamente todos os tipos de enunciado, de complementar os nomes;

- seguem-se <sup>de</sup> muito perto as frases temporais (184), realizadas por 82% dos alunos. Já este número parece representar, relativamente à frequência de outros tipos de frase, uma particularidade deste corpus. Este elevado índice de frases temporais não parece resultar de uma necessidade constante de localização temporal dos estados de coisas descritos, devendo talvez relacionar-se com as características da interlíngua destes alunos;

- as frases que, embora semanticamente diferenciadas, exprimem a relação entre um antecedente e um conseqüente, isto é, as causais, condicionais e finais, não chegam a totalizar em conjunto (129) o número de frases temporais<sup>(1)</sup>. Aparentemente, o tipo de enunciado não parece justificar a pouca frequência desta relação lógica sequencial. Deve ainda assinalar-se que são as frases finais que ocorrem em maior número (78/129), isto é, são aquelas em que a relação entre o antecedente e o conseqüente não vem directamente das frases, mas é estabelecida pelo próprio locutor.

## 2. BALANÇO SOBRE AS ESTRUTURAS DE SUBORDINAÇÃO REALIZADAS

Para além das particularidades que ocorrem em cada tipo de frase e que foram já caracterizadas anteriormente, há aspectos comuns às várias frases que serão aqui destacados e que dizem res

---

1. Note-se que as orações conclusivas, que se situam na mesma área semântica (excluídas desta análise por serem, sintacticamente, orações coordenadas), estão praticamente ausentes do corpus.

peito não só aos erros cometidos como aos traços mais relevantes das estruturas de subordinação realizadas.

## 2.1. Conectores

2.1.1. Uso de um número reduzido de conectores: quer se trate de frases em que existe um pequeno número de conectores (como, por exemplo, as completivas não interrogativas ou as finais), quer se trate de frases em que existe um grande número (como, por exemplo, as relativas ou as temporais), verifica-se que os alunos utilizam apenas um ou dois desses conectores. Nas frases que possuem um grande número de introdutores que não são semanticamente equivalentes, os alunos atribuem aos poucos introdutores com que operam vários valores semânticos.

Assim:

- nas orações relativas, o "que" é utilizado em contextos em que eram necessários "cujo" ou "onde":

(18/24) (1) "põem ao sol para secar e leva para outras zonas que comem peixe."

a) ... e levam para outras zonas onde comem peixe.

b) ... e levam para outras zonas em que comem peixe.

(45) "Os elefantes, bois, cavalos e leões são animais bravios que a pele dele é serve para confecção..."

a) ... são animais bravos cuja pele serve...

b) ... são animais bravos. A pele deles serve...

- nas orações temporais, o "quando" surge em lugar de "depois que":

(50) "~~O raposa quando fui comer as criança do ratinho fui~~  
~~dizer que~~ (a raposa, depois que comeu as crianças do ratinho, foi dizer)

2.1.2. Justaposição de frases: em todas as redacções ocorrem casos em que aparecem frases justapostas, entre as quais existe uma dependência sintáctica (e semântica) que exigiria o emprego de conectores que assinalassem essa relação de subordinação, quer sejam de natureza conjuncional, quer sejam de natureza prepositiva. É nas frases finais que este tipo de construção ocorre com mais frequência, embora também se encontrem exemplos em todos os tipos de frase analisados:

1. Os números entre () indicam o número de série de cada exemplo na totalidade do corpus analisado e apresentado na versão integral deste trabalho.

- (56') "Custuma levar chima ou décimos de peixe colocar no anzol"  
a) costumam levar chima ou décimos de peixe para colocarem no anzol.

2.1.3. Uso da preposição em orações relativas e completivas: embora todas as frases subordinadas possam ter introdutores prepositivos, as relativas e as completivas distinguem-se das chamadas subordinadas adverbiais porque, em ambos os casos, as preposições não se destinam a assinalar a relação semântica com as respectivas subordinantes.

Nas orações relativas, os pronomes relativos podem vir regidos de preposição, que assinala a função sintáctica que eles desempenham na frase. As preposições não são, como no caso de outras frases subordinadas, os introdutores das orações relativas, e, por outro lado, variam consoante a função sintáctica do pronome relativo. Verifica-se que, nestas orações, os alunos omitem geralmente as preposições:

- (79) "A preparação desta dança só preparam no tempo que não há chuva."

a) A preparação desta dança só fazem no tempo em que não há chuva.

- (37) "Há duas danças que a população de Wiquihi confia."

a) Há duas danças em que a população de Wiquihi confia.

Nas orações completivas, as preposições podem acompanhar o complementador "que" ou, no caso de frases com estrutura infinitiva, reger directamente as orações. Neste tipo de frase, a tendência é para usar preposições, quer junto do "que", quer como introdutores de orações infinitivas, em estruturas em que não são necessárias:

- (13) "As pessoas dizem de que a dança de nganda é muito importante."

a) As pessoas dizem que a dança...

- (8) "Combinaram para cada qual ir matar a família dele."

a) Combinaram cada qual ir matar a família...

## 2.2. Forma verbal

O aspecto mais digno de ser assinalado é a ausência quase total de "F conjuntivo". À excepção das orações condicionais, em que existe a tentativa de flexionar o verbo no conjuntivo (vide

exemplo 115<sup>(1)</sup>), este modo verbal está praticamente ausente do corpus, sendo usado, normalmente, em seu lugar, o modo indicativo. Contudo, o índice de erros na utilização deste modo verbal não é muito elevado porque os alunos recorrem a estruturas em que ele não é necessário e que são, semanticamente, equivalentes.

Exemplos:

- nas orações finais, à excepção de um único caso, os alunos usam sistematicamente a estrutura "PARA + F<sub>infinitivo</sub>" em lugar de "PARA QUE + F<sub>conjuntivo</sub>".

- em todo o corpus, só aparece uma única oração concessiva (que tem sempre uma estrutura de "F<sub>conjuntivo</sub>"), aparecendo entre tanto numerosas orações adversativas, que podem desempenhar uma função semântica equivalente.

### 3. AVALIAÇÃO DOS ERROS

#### 3.1. Causas dos erros

São numerosos e variados os factores que intervêm na produção de qualquer enunciado. A análise de qualquer deles, isoladamente, representa sempre uma operação artificial, apenas justificável pela necessidade de os sistematizar, não devendo nunca considerar-se que actuam independentemente uns dos outros.

No corpus analisado, aparece uma grande variedade de estruturas mal construídas. Algumas delas foram não só descritas, mas também interpretadas no sentido de encontrar as razões que poderiam tê-las provocado ou, pelo menos, favorecido.

O facto de ter sido seleccionado um corpus produzido por alunos que têm o Português como língua segunda não implica necessariamente que todas as estruturas, incorrectas relativamente à norma europeia, resultem da interferência da língua materna dos alunos. Há casos cuja interpretação nesta perspectiva não permite explicá-los, sendo necessário buscar outras razões, contribuindo assim para uma maior compreensão da interlíngua dos alunos e fornecendo dados para uma visão dos mecanismos implicados na expressão em Português, em Moçambique.

---

1. "Se não ter cabaças ou tambores não podemos dançar."

(Se não tivermos cabaças ou tambores não podemos dançar.)

A esquematização que se segue pretende apenas destacar os factores linguísticos (e apenas estes) que poderão estar na origem das construções de subordinação realizadas pelos alunos, havendo certamente casos de inter-relacionamento desses factores e/ou intervenção de factores de outra natureza (psicológica, cultural, etc.) que não serão aqui abordados.

### 3.1.1. Erros provocados por dificuldades intrínsecas do sistema linguístico português

Em qualquer língua, existem sempre estruturas cuja realização, por razões variadas, apresenta dificuldades. Em certos casos, essas dificuldades são sentidas pelos próprios falantes natos dessa língua; noutros casos, trata-se de dificuldades sentidas por qualquer aprendiz dessa língua, independentemente da estrutura da sua língua materna. A identificação dessas áreas de complexidade pode contribuir para uma melhor planificação dos programas de ensino dessa língua, quer como língua primeira, quer como língua estrangeira.

Entre as estruturas realizadas pelos alunos, em que são cometidos erros, aparecem casos cuja origem parece poder atribuir-se fundamentalmente a este factor.

Exemplos:

- regência dos pronomes relativos por preposição: a omissão da preposição verifica-se igualmente em Portugal, na língua oral;

- uso do pronome relativo "cujo": trata-se de um pronome com tendência, mesmo em Portugal, a ser usado apenas na língua escrita;

- regência das orações completivas por preposição: a ausência, como foi já referido, de uma função semântica específica destas preposições, parece dificultar a sua utilização;

- flexão dos verbos no conjuntivo: sendo um paradigma próprio das estruturas de subordinação, é menos utilizado e, frequentemente, menos dominado que o modo indicativo;

- colocação dos clíticos: não tendo estes pronomes pessoais um lugar fixo na estrutura da frase, é natural que represente uma dificuldade a sua utilização, sobretudo para os falantes de Português como língua estrangeira.

### 3.1.2. Erros cometidos por desconhecimento do sistema linguístico português

Foi já dito que, de uma forma geral, os alunos revelam pouco domínio da língua portuguesa. Assim, alguns dos erros encontrados parecem ter como origem ou a falta de exercício nesta língua, ou a falta de acesso às suas regras de funcionamento. Trata-se, ao que parece, de erros facilmente ultrapassáveis desde que se possa assegurar um certo nível de didáctica desta língua.

Exemplos:

- falta de concordância verbal em número com um sujeito plural, em orações relativas (e outras):

(60) "Os animais domésticos são aqueles que vive..."

a) Os animais domésticos são aqueles que vivem...

(30') "Os pescadores (...) quando mata peixe"

a) Os pescadores (...) quando matam peixe.

- uso de "que" e "onde que" em lugar de "onde";

- emprego de "ATÉ + F. indicativo";

(100) "Descansaram até chegou um leão."

a) Descansaram até que chegou um leão.

b) Descansaram até chegar um Leão.

- omissão de conectores de subordinação.

### 3.1.3. Erros provocados por interferência da língua materna

É natural que, ao aprender uma língua estrangeira, haja a tendência para transferir para essa língua estruturas e regras que regem o funcionamento da língua materna, donde resultam as chamadas "interferências". A identificação das áreas em que este mecanismo se produz pode ser de grande utilidade quando se trata de programar o ensino de uma língua a falantes com uma língua materna comum ou, pelo menos, pertencente ao mesmo grupo linguístico (como acontece em Moçambique).

No caso do corpus analisado, parece possível considerar que alguns dos erros cometidos têm a sua origem num fenómeno de transferência do Nyanja para o Português.

Exemplos:

- uso de "quando" com valor temporal e condicional:

(116) "Quando esses homens acaba de tocar dá um trabalho as mu-

lheres para ir trabalhar na casa dele (...) Quando fazem isso agora esses homens quanto mulheres chamar chioda esses é que tocar."

a) Quando esses homens acabam de tocar, dão às mulheres o trabalho de irem trabalhar nas casas deles. Se elas fazem (ou fizerem) isso, então esses homens (...)

- uso de "enquanto" (com valor contrastivo ou associado ao verbo "encontrar");

(149) "Encontrou o leão enquanto foi visitar o boi dele.."

(151) "Só vou mandar a minha cabeça para ir fazer esse trabalho sozinha. Enquanto era de mentira a cabeça dele tinha escondeu nas asas."

a) ... Mas isso era mentira. O galo tinha escondido a cabeça nas asas.

- estruturação do discurso citado e relatado:

(135) "Responderam que estamos a fugir o fogo."

a) Responderam: "Estamos a fugir do fogo."

(145) "O coelho falou que eu vi os macacos."

a) O coelho disse: "Eu vi os macacos."

### 3.2. Erro e intercomunicação em Português

Em qualquer comunidade social em que seja adoptada como instrumento de comunicação uma língua estrangeira, são naturais e inevitáveis as alterações linguísticas. Este processo de mudança pode ser mais ou menos controlado pelas instituições que asseguram a sua difusão, mas nunca se poderão evitar os fenómenos de diferenciação.

Ao terminar este trabalho sobre os erros cometidos por alunos que se exprimem numa língua segunda, o Português, parece importante fazer a sua avaliação em função do grau de perturbação que podem trazer à intercomunicação nesta língua.

A base desta avaliação parte do princípio geral de que qualquer língua constitui um sistema de signos entre os quais existem relações de equivalência e oposição e cujo funcionamento repousa sobre um certo número de regras e restrições. Teoricamente, a não utilização destes signos em função das regras que regem o seu funcionamento afecta a gramaticalidade e/ou a interpretabilidade dos enunciados. Estas perturbações não são, no entanto, todas do mes

mo grau, podendo ou não dificultar ou mesmo impedir a comunicação numa dada língua.

No conjunto dos erros localizados no corpus, estabelecidos em função da norma europeia, verifica-se que nem todos afectam a compreensão dos enunciados da mesma forma. São normais as alterações do sistema linguístico português em Moçambique, numa situação generalizada de bilinguismo em que há a sua utilização por uma comunidade de falantes de línguas do grupo bantu. Se se pretende que o Português funcione como língua de comunicação a nível nacional e internacional, pode ser útil uma "classificação" dos desvios produzidos pelos falantes de forma a definir áreas prioritárias de actuação. Trata-se de uma tarefa complexa que ultrapassa os objectivos desta análise. A título de exemplo, serão aqui retomados apenas alguns casos, considerando-se, no entanto, que só uma pesquisa deste tipo pode, por um lado, criar condições para que fique assegurada a estabilidade do sistema linguístico português, mas, por outro lado, para que fique salvaguardada a possibilidade de os falantes, em Moçambique, se apropriarem desta língua e a adaptarem aos seus hábitos linguísticos.

### 3.2.1. Alguns exemplos de erros que podem perturbar a intercomunicação em Português

- estruturação do discurso citado/relatado: foi visto que, provavelmente por interferência da língua materna, os alunos realizam frequentemente estruturas que, analisadas exclusivamente do ponto de vista do Português, podem criar ambiguidade e afectar a compreensão dos enunciados. Na frase:

(1) O João disse que estou cansado.

o sujeito do discurso citado ("eu") será muito provavelmente interpretado como referindo-se ao sujeito da enunciação e não ao produtor real (o João) do discurso. Isto é, esta frase, cuja interpretação correcta deverá corresponder a:

(1a) O João disse que ele (= João) está cansado.

pode ser interpretada da seguinte forma:

(1b) O João disse que eu (= que estou a falar) estou cansado.

Existindo em Português estruturas específicas, sintacticamente diferenciadas, para o discurso citado e o discurso relata-

do, é natural que a anulação dessa oposição dê origem a frases ambíguas.

- uso de "quando" com valor temporal e condicional: trata-se de outro caso que parece resultar de interferência da língua materna dos alunos e que pode também perturbar a comunicação em Português. Embora haja casos nesta língua em que o conector "quando" pode ser usado com valor condicional (em estruturas de "F<sup>con</sup> conjuntivo" ou de "F V presente do indicativo"), ele tem a sua área específica de utilização, completamente diferenciada do valor condicional. A frase:

(2) Quando vamos apanhar muito peixe, vamos vender.

difícilmente será interpretada como exprimindo uma condição hipotética, equivalente a:

(2a) Se apanharmos muito peixe, vamos vendê-lo.

sendo mais provável a seguinte interpretação, que não corresponde ao sentido pretendido pelo produtor da frase:

(2b) No futuro vamos apanhar muito peixe e havemos de o vender.

A anulação da oposição entre localização temporal e valor condicional pode assim constituir um factor de ambiguidade.

### 3.2.2. Alguns exemplos de erros que não parecem perturbar a comunicação em Português.

- uso do indicativo em orações temporais referentes ao futuro: ao contrário do que acontece noutras orações, nas temporais, o conjuntivo só ocorre em proposições que se referem a um estado de coisas localizado no futuro. Assim, numa frase como:

(1) Quando vou puxar, também você começa a puxar.

o uso do futuro do indicativo em vez do futuro do conjuntivo não traz sobreposição com outra estrutura existente nas orações temporais, já que não existe nenhum caso em Português em que o verbo das orações temporais esteja naquele tempo verbal. Não parece portanto, que este "desvio" possa vir a perturbar a comunicação em Português.

- regência das orações completivas por preposição: em Português, não são regidas de preposição as orações completivas que desempenham a função de objecto directo ou dependem de um adjec-

tivo predicador de um lugar. No corpus analisado, entretanto, em frases como:

(2) As pessoas dizem de que a dança de nganda é muito importante.

(3) É preciso de preparar tambores.

verifica-se que as orações completivas são regidas por preposição.

O estabelecimento deste elo sintáctico com as orações subordinantes, contudo, não parece trazer consigo uma interpretação diferente (e, conseqüentemente, geradora de ambigüidade) das frases produzidas relativamente à construção do Português europeu em que não se usa preposição. Trata-se de um caso que contraria a tendência comum dos aprendizes de uma segunda língua para a simplificação de estruturas, em que, no entanto, a compreensão dos enunciados não parece ficar perturbada."